
Lieza Neves
5 histórias
para pequerruchos
Ilustrações
Silvia Teske

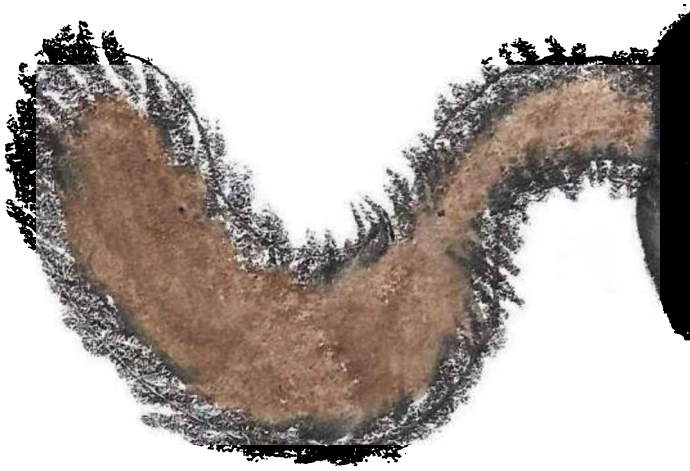


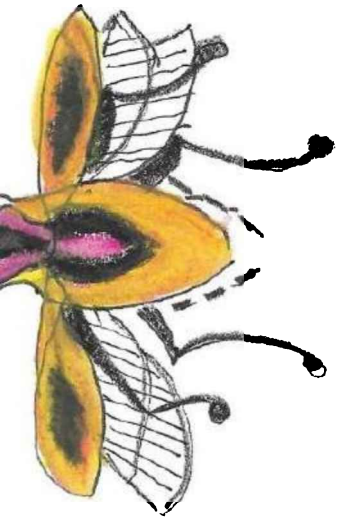
5 histórias para pequerruchos

Texto © Lieza Neves
Ilustração © Silvia Teske

Versão audiolivro em:
soundcloud.com/lieza-neves
youtube.com/liezaneves

Diagramação: Lieza Neves





Livre de cobrança de direitos autorais para uso pedagógico e artístico, mediante citação da autoria e comunicação a liezaneves@gmail.com

Proibida a cópia impressa deste material com fins comerciais

Projeto viabilizado por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) no município de Brusque

Lei Aldir Blanc no Médio Vale do Itajaí · Fundação Cultural · Prefeitura de Brusque · Secretaria Especial da Cultura · Ministério do Turismo · Pátria Amada Brasil Governo Federal



Aos pequerruchos crescidos
que realizam a nobre tarefa de
cuidar de outros pequerruchos



Sumário

	LEIA AQUI	OUÇA AQUI
A abelhinha curiosa	04	
O leão chorão	08	
O esquilo egoista	12	
A lagarta comilona	16	
O sapo corajoso	20	

A abelhinha curiosa

Era uma vez uma abelhinha muito curiosa, que vivia na floresta. Seu nome era Rosa.

Rosa tinha muitos amigos e todos eles ajudavam a buscar o néctar das flores para a colmeia e, assim, produziam muito mel.

Todas as manhãs a Abelha Rainha dava bom dia a todas as abelhas e abria as portas da colmeia para que pudessem voar e buscar néctar.



As abelhas então saíam todas juntas, mas logo se espalhavam pelo ar.

Depois de muitas horas, quando o dia estava acabando, o sol estava indo dormir, as abelhas voltavam para a sua colmeia.
Mas... Quando mostravam o néctar que tinham colhido...
Viam que a abelhinha Rosa não tinha trazido nada.

- É, pois é... Não sei o que aconteceu... - disse a abelhinha Rosa.

Todos olhavam com espanto para ela. Será que estava sentindo algum medo e por isso não conseguia trabalhar?

- Não, não, eu não sou medrosa! Não sou Rosa medrosa, sou corajosa!

No dia seguinte, saíram novamente todas as abelhas para buscar néctar para a colmeia. Cada uma no seu caminho.



No final da tarde, aconteceu mais uma vez: a abelhinha Rosa tinha sido a única que não trouxe nada!

- Abelhinha Rosa – disse a Abelha Rainha - aqui todos trabalham igualmente, todos são responsáveis pela produção da colmeia. Você não está colaborando. Aconteceu alguma coisa?

- Não, não... Eu não sei....

- Talvez você precise estudar mais, aprimorar suas habilidades.

- Não, não, eu não sou desastrosa! Não sou Rosa desastrosa, sou habilidosa!



Na manhã seguinte, antes de todos saírem, a Abelha Rainha chamou uma das abelhas - a Zazá, e pediu que ela seguisse a abelhinha Rosa, para verificar o que estava acontecendo. Teria de saber se Rosa era medrosa ou desastrosa!

Assim, quando a porta da colmeia se abriu, a abelhinha Rosa voou bem contente e seguiu por entre as árvores. Atrás dela, ia Zazá, sempre atenta.

A abelhinha Rosa então parou, ficou sentada em cima de um galho, olhando para baixo. Lá havia uma cobra conversando com um lobo. Pareciam dar risada do assunto. Rosa então voou para baixo e bem perto deles ficou voando, voando.
De lá para cá, de cima para baixo, sempre por perto dos dois amigos. Depois que a cobra saiu rastejando e o lobo entrou na sua toca, a abelhinha Rosa saiu dali e seguiu seu caminho. Zazá ia atrás dela, atenta.



Perto da lagoa, havia um sapo em cima de uma pedra. Ele olhava para a água onde estavam alguns girinos e parecia estar explicando alguma coisa a eles.
A abelhinha Rosa não teve dúvidas: voou até lá para entender o que se passava. Ficou voando e ouvindo a conversa e, assim que o sapo mergulhou, ela saiu dali, muito espantada com o que tinha escutado...

Zazá continuou seguindo a abelhinha Rosa durante todo o dia e percebeu que ela parava em cada conversa que observava. Ficava escutando, escutando e esquecia de seu trabalho.

Assim o dia terminou e mais uma vez Rosa não tinha levado néctar algum para a colmeia.

- Eu sei o que acontece – disse Zazá, para a Abelha Rainha - a abelhinha Rosa não é desastrosa, nem medrosa, ela é mesmo muito curiosa! Perde seu tempo ouvindo os assuntos dos outros e assim não consegue trabalhar.

- Pois então – disse a Abelha Rainha – a partir de hoje a abelhinha Rosa tem de aprender a ser mais atenta com a sua vida e deixar de querer saber sobre a vida dos outros, de ouvir assuntos aos quais não foi convidada.
Combinado, Rosa?

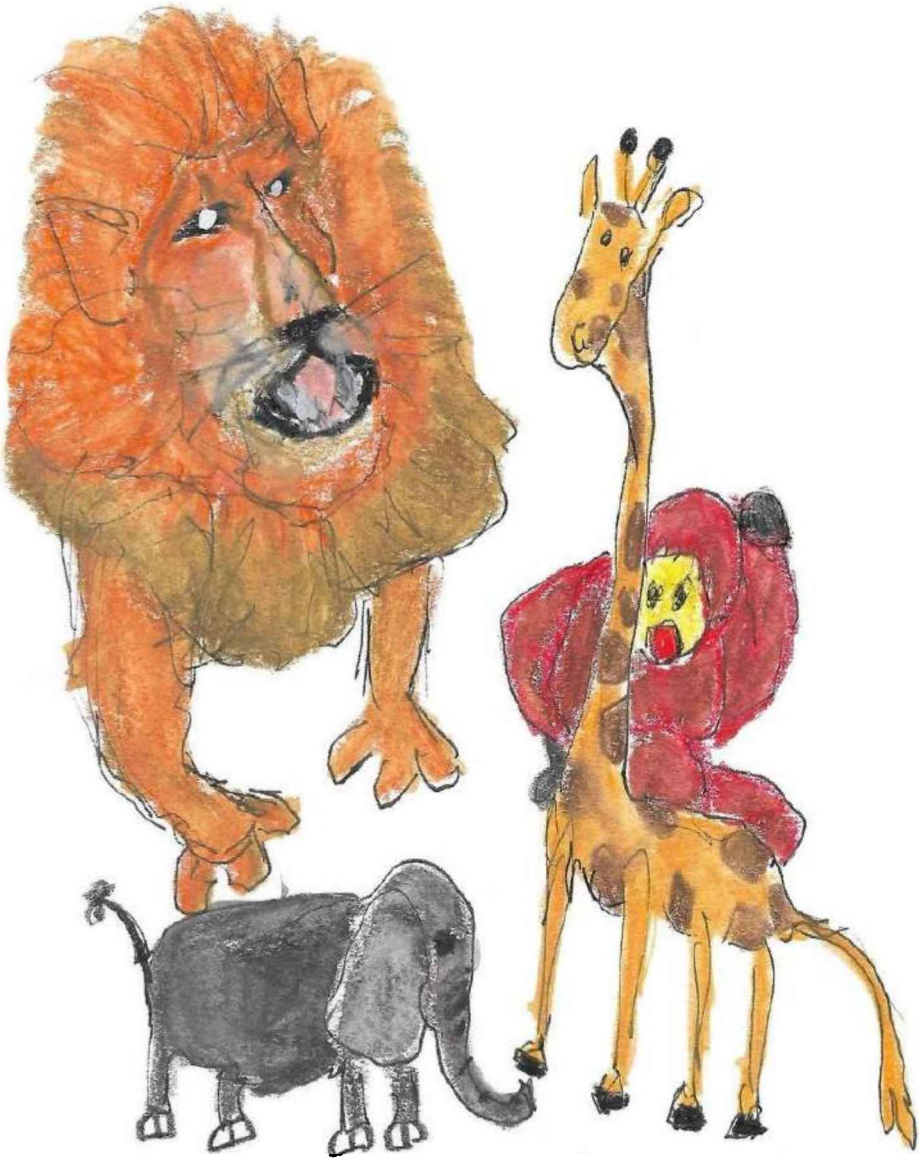
- Combinado, Rainha!

- Assim, você será mais atenta e ajudará a colmeia como todas as outras companheiras. E também não correrá o risco de ficar com fama de abelhuda!



fim

O leão chorão



No meio da floresta, mora um leão. Ele é conhecido por sua força e por seu rugido muito alto. Por isso, ele é chamado de o Rei da Selva. Todos têm muito respeito e admiração por ele.

Certa vez, aconteceu uma reunião na floresta. Todos os animais estavam presentes para decidir coisas importantes. O leão estava em cima de uma pedra, sentado, olhando para baixo. Todos conversavam e debatiam suas ideias. Mas era tanto bicho falando ao mesmo tempo, que o leão ficou inquieto e resolveu organizar a reunião.
Ele então se preparou para soltar aquele rugido bem alto e forte, assim todos parariam de conversar. Era dessa forma que sempre ocorria.

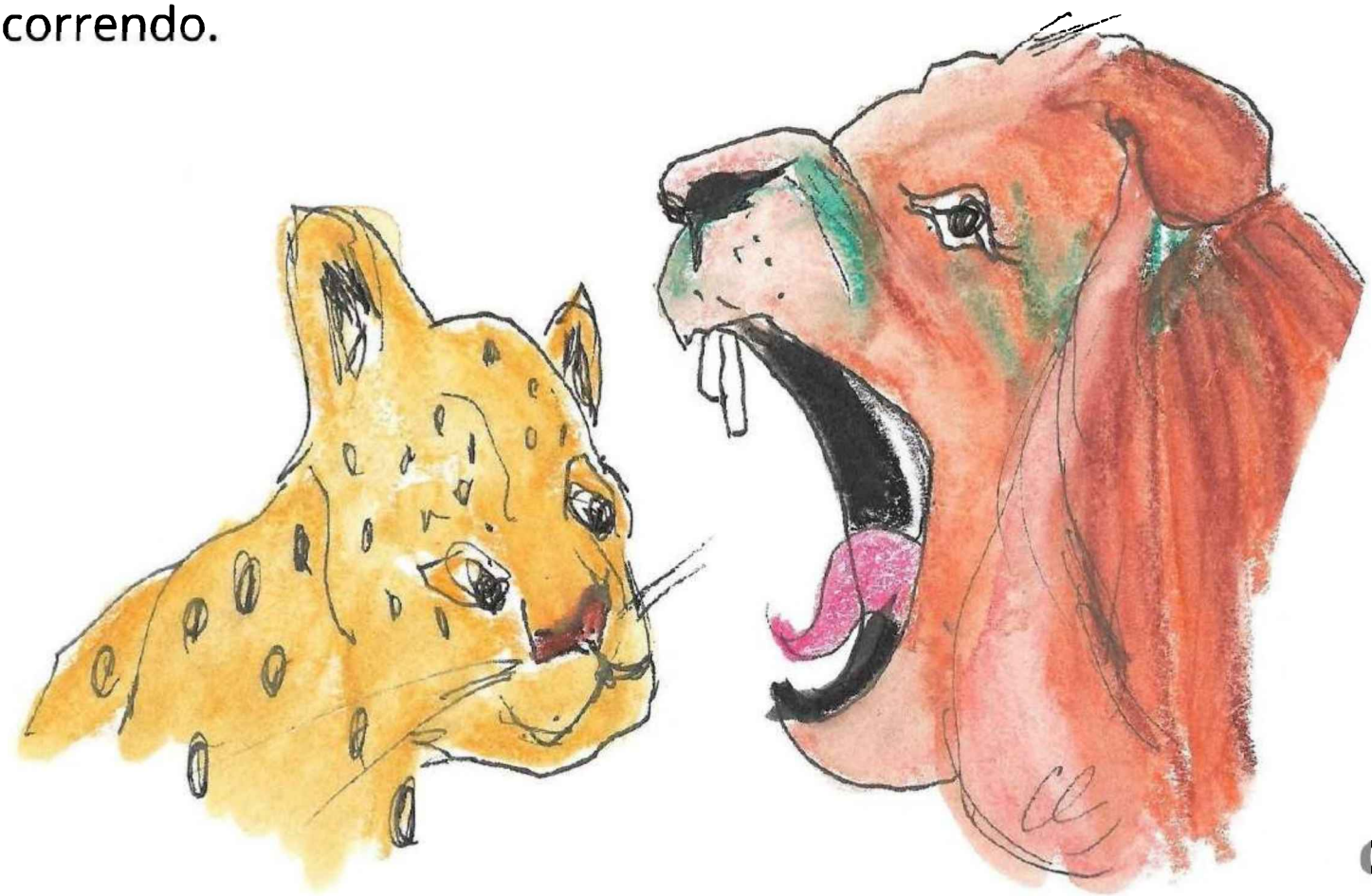
O leão inflou o peito, abriu o seu bocão e...
- Rrrrrruuuu... Aaaaaaiiiiii!

Todos pararam no mesmo instante. Mas estavam intrigados.
Que som foi aquele?
Mais uma vez ele inflou o peito, abriu o seu bocão e...
- Rrrrrruuuu... Aaaaaaiiiiii, aiaiaiaiaiaiiiiii!
O leão chorava como um bebezinho.

Todos ficaram espantados. O Rei da Floresta, tão forte e poderoso, estava choramingando, só fazia aiaiaiaiaiai. O que será que estava acontecendo?

O leão pediu licença e, de cabeça baixa, triste, foi para sua casa.

Na manhã seguinte, a médica da floresta, a Doutora Onça, foi até a casa do leão, para ver se descobria o que estava ocorrendo.



Examinou o Rei da Floresta com toda a atenção.

- Dói a pata?
- Não! Aiaiai!
- Dói a barriga?
- Não! Aiaiai!
- Dói a cauda?
- Não! Aiaiai!
- Dói a cabeça?
- Sim! A dor é bem ali!
- Dói os olhos?
- Não! Aiaiai!
- Dói o focinho?
- Não! Aiaiai!
- Dói a boca?
- Sim, sim! A dor é bem ali!
- Deixe-me ver! Abra esse bocão!

O leão abriu aquela boca enorme. A Doutora Onça chegou perto e olhou lá dentro da boca do leão.
- Ahan! Está lá! Encontrei o problema!

O leão ficou mais tranquilo e também curioso.
- Me diga, o que há de errado comigo?
- Senhor Leão – disse a Doutora Onça – a sua boca, lá no fundo, tem um dente que possui uma cárie!
- Como assim? O que é isso?
- Uma cárie é causada por maus hábitos de higine bucal. É preciso escovar os dentes todos os dias, Senhor Leão!

- Ahhh, eu não gosto de escovar os dentes. Me dá muita cosquinha na língua!
- Pois é, leão, mas é muito importante. Você prefere uma cosquinha ou essa dor de dente horrível, hein?
- Verdade... Está doendo demais! O que eu devo fazer para essa dor passar?
- Você vai ter que procurar o Doutor Elefante. Ele é especialista em dentes, é um dentista. Ele vai te dar uma anestesia e com uma broca, remover essa cárie.
- Anestesia? Broca? Aiaiaiaiaiai!

O leão ficou chorando mais ainda. Mas, em seguida, se encheu de coragem e foi.



Depois que o Doutor Elefante retirou a cárie do dente do leão, ele prometeu a si mesmo que nunca mais deixaria de cuidar e de escovar os dentes, todos os dias!

fim

O esquilo egoista

Era uma vez uma floresta cheia de árvores. As árvores tinham frutos de vários tipos: maçã, laranja, banana, mamão e abacate. Também havia outras frutas que davam em plantas pequenas, como morango, amora e uva.

Ali naquela floresta moravam muitos esquilos. Todos muito fofinhos e muito... gulosos. Adoravam comer todo tipo de fruta, mas o que eles mais gostavam mesmo era de nozes. Mas quase não havia pé de nozes por ali.

Um dos esquilos, chamado Guto, morava no caule de uma árvore com seu pai e sua mãe, e também com sua vovó, que já era bem velhinha. Ele adorava ouvir as histórias que ela contava antes de dormir. Adorava também as comidinhas que sua mãe preparava e as brincadeiras que seu pai inventava.



Um dia, o pai do esquilinho Guto resolveu construir um balanço para ele brincar. No galho de uma árvore prendeu um cipó e na parte debaixo colocou um pedaço de madeira. Ah! O esquilinho Guto adorou o seu balanço. Sentava lá e balançava, sentia o vento bater no seu rosto, e sorria.

Todos os dias ele brincava no seu balanço. Mas também brincava de outras coisas: de montar quebra-cabeça, de massinha de modelar, de fazer castelos com barro, de pular nas poças de água, de desenhar. Como os seus dias eram alegres!

Ele também tinha muitos amigos, que moravam ali por perto. Quando os amigos souberam que o esquilinho Guto tinha um balanço, correram até sua casa, para conhecer a novidade.
- Oi Guto! A gente veio brincar no seu balanço novo! - disseram eles.
Guto fez uma cara azeda e falou:
- Ah, não! Esse balanço é meu. O meu pai fez para mim e eu não deixo mais ninguém brincar com ele.



Os amigos ficaram tristes. Queriam tanto experimentar aquele balanço. Mas quando perceberam que não iriam mesmo conseguir brincar, resolveram ir embora. O esquilinho Guto ficou lá, sozinho, brincando no seu balanço.

Alguns dias se passaram e os amigos pensaram que talvez o esquilinho Guto já tivesse enjoado de brincar no balanço, e quem sabe agora emprestaria para eles. Foram até a sua casa.

O balanço estava lá sem ninguém. Pensaram que Guto tivesse enjoado mesmo. Então chamaram por ele:
- Gutoooo!
Guto apareceu.
- Eu estava brincando com meus carrinhos – disse ele.
- Então você não vai se importar em emprestar o seu balanço um pouco – falaram os amigos.
- Hummm... Não vai dar pessoal! Como eu disse, o balanço é meu, foi feito pelo meu pai, só para mim. Aliás, aqui em casa, todos fazem muitas coisas só para mim. Por isso não posso dividir.

Mais uma vez os amigos foram embora tristes.



O tempo passou. Um dia, enquanto brincavam de esconde-esconde no outro lado da floresta, os amigos esquilos esbarraram numa enorme árvore. Para a surpresa deles, várias nozes começaram a cair de lá do alto. Os esquilos pularam de alegria, agarraram todas as nozes e levaram para a pracinha perto da casa deles.



Nesse momento o esquilinho Guto estava passando e ficou curioso com o que viu: uma montanha de nozes apetitosas!!
Chegou perto e ficou olhando. Teve muita vontade de pedir uma noz para comer, mas ficou com vergonha, afinal, ele não tinha dividido o seu balanço com eles, tinha sido egoísta.

Os amigos esquilos quando viram que o esquilinho Guto estava por perto logo disseram:
- Venha amigo! Essas nozes parecem deliciosas! Venha comer conosco!

O esquilinho Guto se aproximou e disse:
- Obrigado, eu quero sim! Mas antes preciso me desculpar. Eu fui egoísta, ao contrário de vocês. As coisas só têm valor e nos causam alegria quando compartilhamos com os amigos.

Assim, todos os esquilos comeram muitas nozes, conversaram e deram risada. Depois, foram todos para a casa do esquilinho Guto, brincar no seu balanço, por horas e horas!

fim

A lagarta comilona

Era uma vez uma lagarta.
Ela era bem peludinha.
Era preta e tinha listras amarelas.
Ela passava o dia inteiro comendo folhas e mais folhas. Era bem gulosa!



Andava para a esquerda:
- Quantas folhas bem verdinhas! Nham nham nham!

Andava para a direita:
- Oba! Mais folhinhas! Nham nham nham!

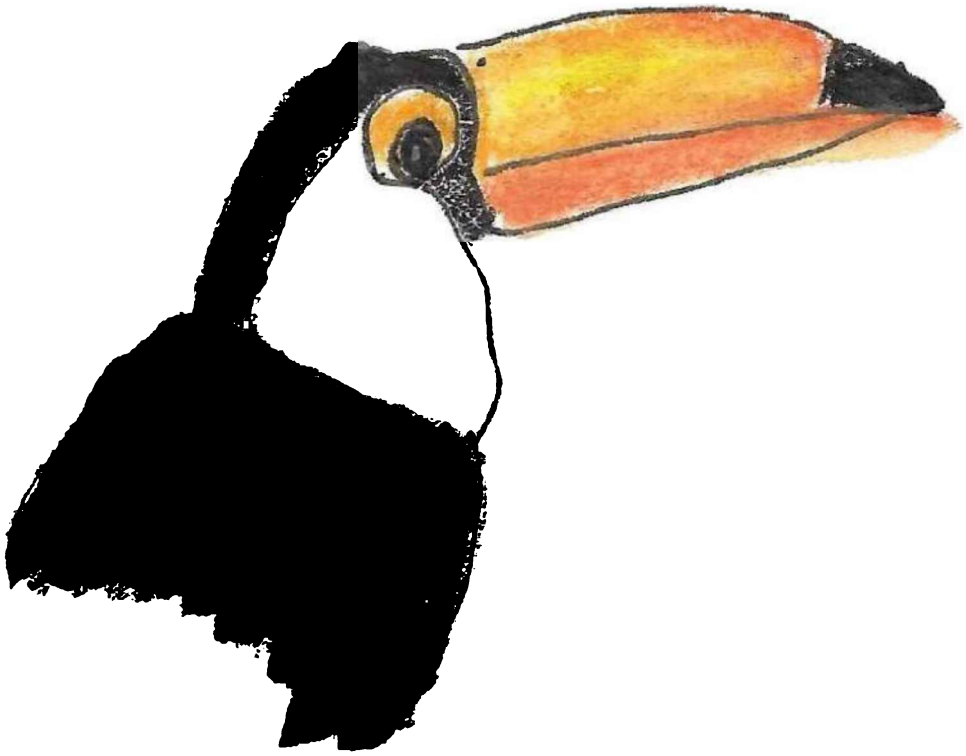
Subia até os galhos bem altos:
- Que delícia! Nham nham nham!



Descia até a grama e nham nham nham.

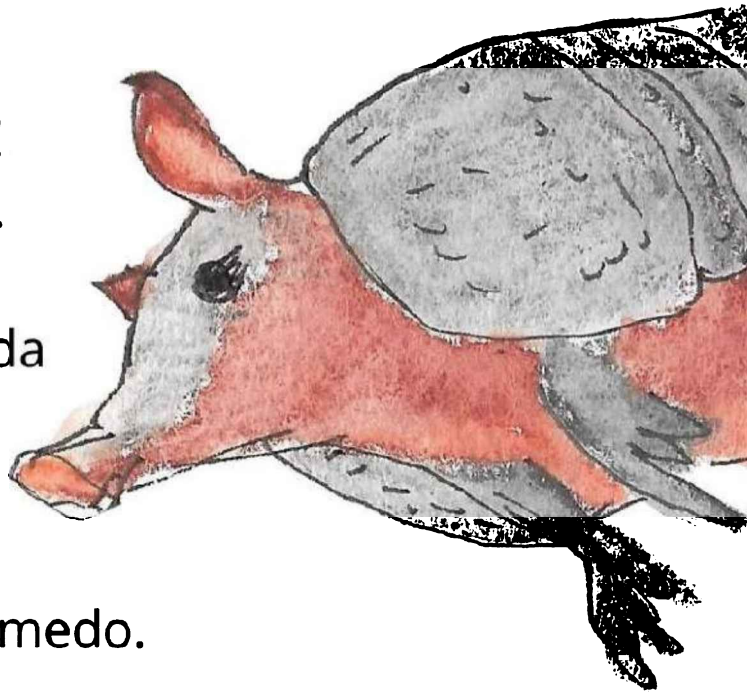
A lagarta ia comendo, comendo e crescendo. Andava se rastejando para lá e para cá, sempre em busca de novas folhas para devorar.

Um dia ela estava andando sobre o galho de uma árvore, procurando mais folhas para comer.
Foi quando um tucano pousou.



Mas quando ela ia dizer bom dia... Ele foi logo gritando:
- Uma lagarta! Que nojoooo!
E saiu voando.
A lagarta ficou triste.
Adorava conversar.

Logo depois, estava caminhando perto de uma lagoa. Então um tatu passou por perto e quando a viu, foi logo gritando:
- Aiiiii, uma lagarta! Que medoooo!
Mais uma vez a lagarta ficou triste.



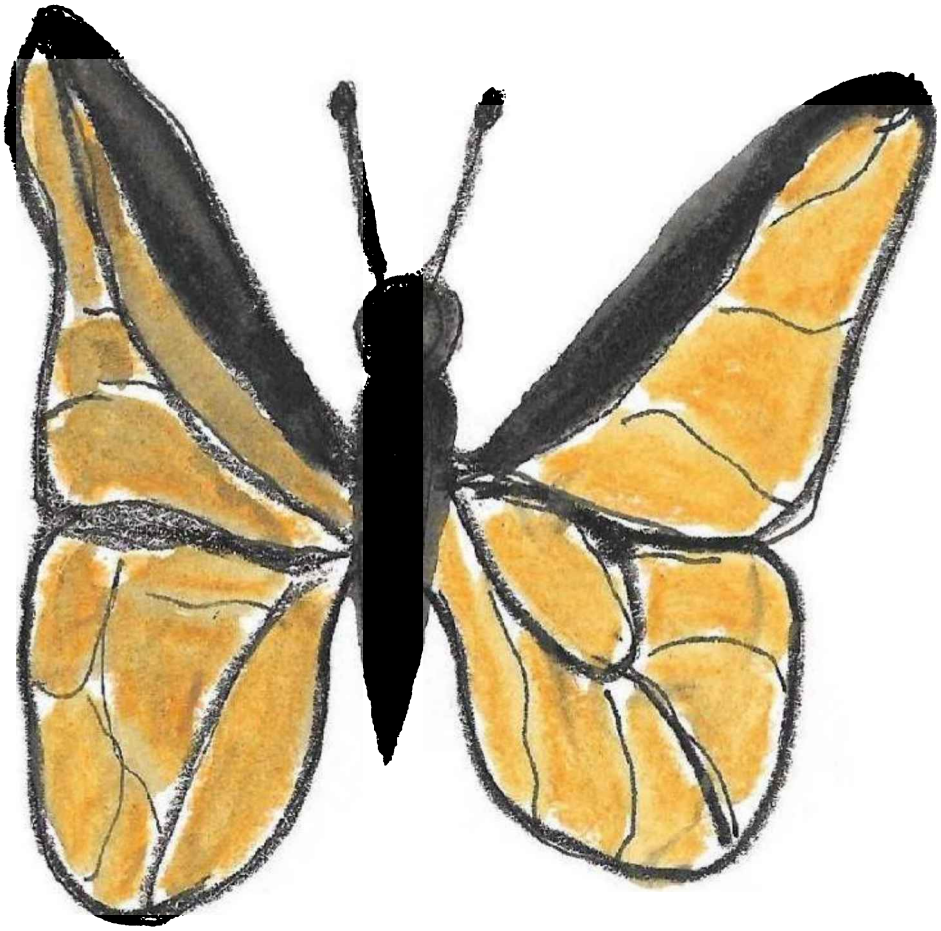
Ao longo do dia ela foi ficando ainda mais tristonha, pois a cada animal que encontrava ouvia um grito e todos saiam de perto dela. Alguns diziam sentir nojo. Outros tinham medo.

E ela não entendia. Como tinham medo de um bichinho tão pequeno? Como tinham nojo de um bichinho todo peludinho?

Ela estava sozinha, triste e pensativa.
Foi aí que uma borboleta se aproximou. A lagarta percebeu que a borboleta não se afastou, nem gritou.
- Olá, lagarta! Eu sei o que você está passando.
- Sabe? - perguntou a lagarta – Como? Se você é tão linda e todos querem estar perto de você?
- Ah! Isso é agora. Mas a vida reserva as suas transformações. Aguarde! – falou a borboleta com calma.
- É isso! - animou-se a lagarta. Mas por que os animais têm nojo e medo de mim? Eu nunca fiz nada a eles...
- Verdade – concordou a borboleta. Eu vou te explicar: eles têm medo e nojo porque algumas lagartas são venenosas. Quando alguém encosta nelas soltam um veneno que causa uma queimadura. Isso é uma defesa, para que ninguém as coma, já que as lagartas são muito pequenas.



A lagarta fez cara de espanto e falou:
- Ah, entendi... Mas não precisava sair correndo né? É só não abraçar!
- Hehe! Verdade!! - disse a borboleta - e você tem de tomar cuidado, pois alguns animais desinformados em vez de se afastar acabam pisando nas lagartas, achando que é melhor se livrar delas porque são perigosas.
- Puxa! Que perigo! Que maldade! – a lagarta estava assustada.



A borboleta então explicou:
- Eu sempre oriento os meus amigos animais: se encontrarem uma lagarta perto da sua casa, peguem o bichinho com algum objeto ou um galho e coloquem de volta na natureza. Somente se ela viver é que poderá um dia se transformar em alguém como eu!
- Como você? Não entendi... – disse a lagarta curiosa.

A borboleta foi levantando voo e disse:
- Você logo logo vai descobrir, minha amiga. Adeus!

fim



O sapo corajoso



Era uma vez um girino bem pretinho.
Seu nome era Marcelino.
Ele vivia numa lagoa, nadando para lá e para cá, junto dos seus irmãos e amigos.
Ele estava se preparando, para que um dia virasse um lindo sapo.

Seus pais já tinham lhe explicado como seria a transformação: da forma de girino, que só tem uma cabeça e um rabinho, vai crescendo as quatro patinhas. Depois o rabinho vai diminuindo. A carinha vai mudando, a barriguinha vai aumentando, as patinhas ficam maiores e o rabinho some totalmente. Parece mágica!



Aí o sapo pula, pula, come insetos com a sua língua e coaxa. A grande diferença é que ele passa a respirar fora da água, ao contrário dos girinos, que parecem peixinhos.

O tempo foi passando, e o girino Marcelino foi se transformando. Não via a hora de ser um sapo todo verdinho, e sair pulando pela floresta.
Aos poucos, seu rabinho foi sumindo e suas patinhas cresciam.

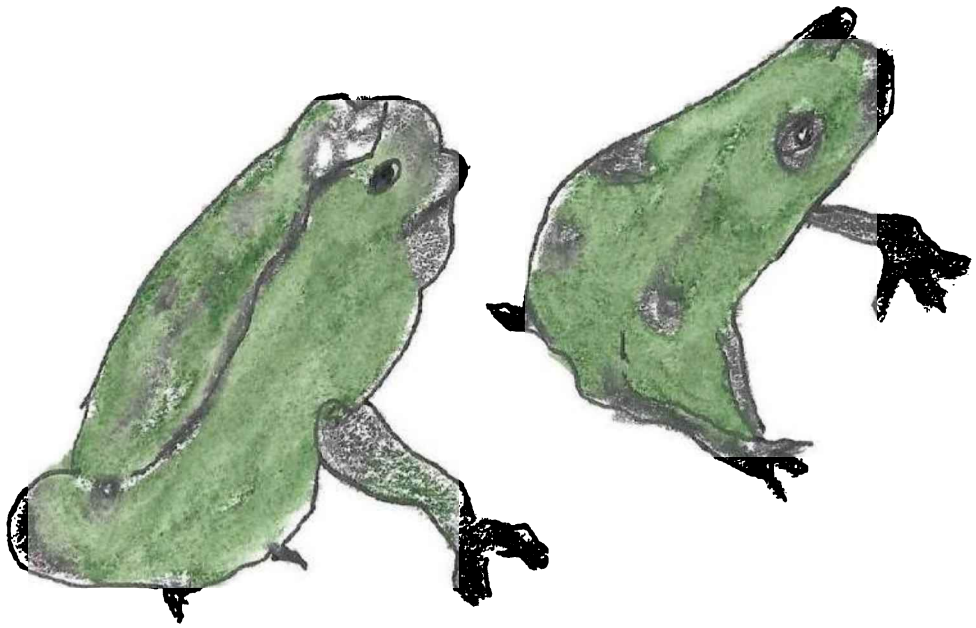
Ele enfim virou um sapo bem charmoso.
Um sapo verde e pequenino.
O sapo Marcelino.



Assim que virou sapo, ele subiu numa pedra e respirou fundo para dar seu primeiro pulo. Mas...
- Aiiii...
Seus amigos sapos pulavam para lá e para cá, bem contentes.

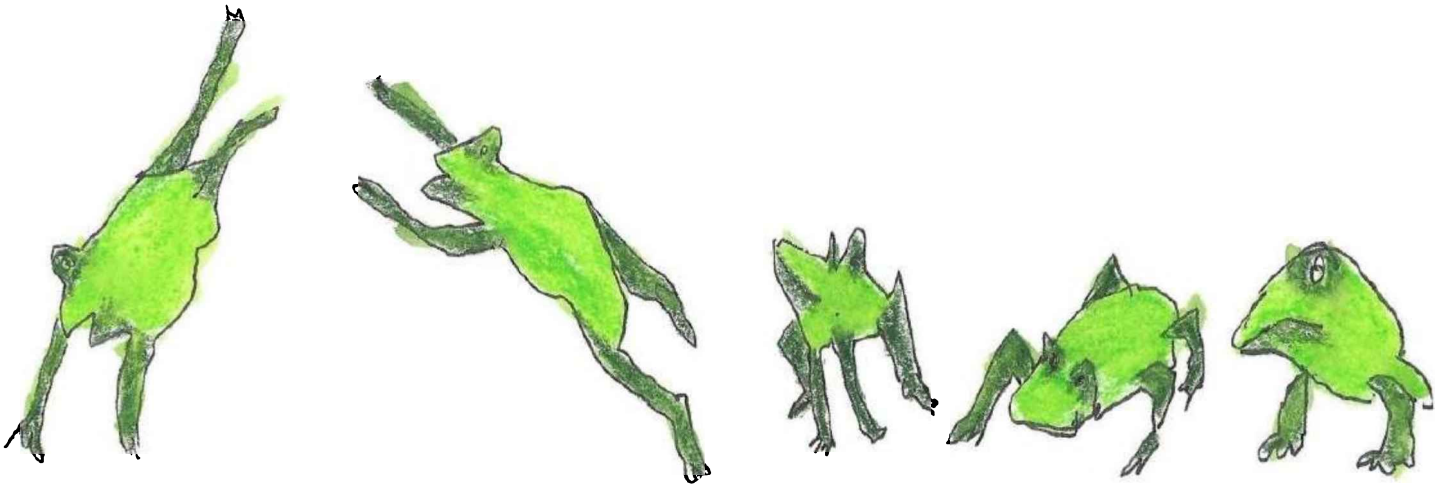
O sapo Marcelino ficava só olhando, lá de cima da pedra.
Ele pensava: e se eu quebrar a perna? E se eu bater a cabeça?
- Ai que medo!! E se eu me machucar?

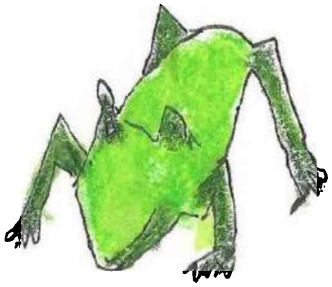
Ele continuava só olhando os amigos se divertirem.
- Venha, Marcelino, venha pular conosco – chamou um deles.
- Eu... Eu... Não sei... E se...



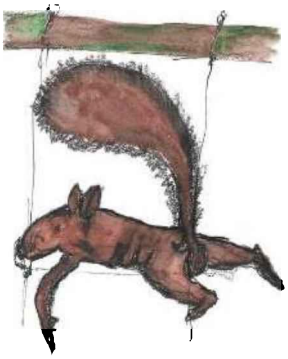
Foi aí que o pai de Marcelino se aproximou.
- Meu filho! Eu sei o que você está sentindo. Está inseguro em experimentar algo novo, em se arriscar, mesmo sabendo que deve ser muito bom poder pular. Às vezes é preciso enfrentar o medo! Tenha coragem! Vai dar tudo certo!

Marcelino então sorriu, respirou fundo e... Pulou!!!
E pulou, pulou e pulou!
- É mesmo, papai! É muito bom poder pular!





fim







Lieza Neves foi uma criança dançante e falante, que ganhou muitos livros de presente de seu padrinho e, assim, foi se encantando pelo universo das narrativas. Estudou jornalismo por acreditar que a vida real é feita de histórias contadas. Descobriu na contação de histórias o prazer em narrar olhando nos olhos dos pequerruchos.

Silvia Teske tem dois gatos. Mora em Brusque no quarto andar ao lado de uma praça bem grande na frente da Prefeitura. Gosta de desenhar, pintar e escrever. É professora e ensina Artes. Ama plantas e bichos e pinta o cabelo de cor de rosa para ficar mais alegre. Tem a risada mais gostosa de se ouvir.

Este é o segundo livro feito em parceria entre as duas geminianas, que criaram "Passarinha", em 2015.